

Problema brasileiro será 'acomodado', diz Feldstein

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

Washington — Em certo sentido, os bancos comerciais estão aumentando os riscos inerentes à situação internacional ao cobrar taxas de juros tão elevadas dos países devedores, disse ontem Martin Feldstein, chefe da assessoria econômica do presidente Ronald Reagan, numa entrevista à imprensa em que condenou ainda as propostas para que os governos dos países industrializados interfiram de maneira maciça para resolver o problema da dívida externa do Terceiro Mundo.

Mas Feldstein observou também que poucos bancos estão felizes em emprestar tanto quanto andam emprestando com as taxas de juros atuais. "Há poucos — se há algum — emprestadores atuando de bom grado no mercado. Se pudessem escolher, prefeririam fazer outra coisa com seu dinheiro. Encarado dessa maneira, o prêmio (*spread* ou taxa de risco) que cobram acima da *prime rate* ou da *Libor* não é suficientemente alto para compensá-los pelos riscos que acreditam existir no momento", disse Feldstein.

Apesar disso, o *chairman* do Conselho dos Assessores Econômicos da Casa Branca acha que "se as taxas de risco (*spread*) fossem menores, se os juros fossem mais baixos", então os países devedores teriam cargas anuais menores a enfrentar e o risco total no sistema financeiro diminuiria e a diminuição dos riscos permitiria aos bancos a cobrança de taxas ainda menores.

Feldstein disse ainda que os problemas que o Brasil enfrenta não podem ser resolvidos, mas sim acomodados, a curto prazo. "Continuo acreditando que as perspectivas a longo prazo para o Brasil e outros países são boas." A seu ver, os problemas de liquidez que o Brasil enfrenta no momento resultaram da recessão mundial, do declínio vertical da inflação mundial, da grande queda nos preços das *commodities* e das altas taxas de juros internacionais.

"Mas isso não é um problema permanente", salientou. "A medida que ocorra uma recuperação econômica (internacional), que os preços das *commodities* aumentem nos mercados mundiais, que os países aprendam a mudar para exportar mais, o problema se torna bem administrável. O problema, então, é de curto prazo, um problema de liquidez, e não um problema fundamental."

Feldstein disse que as exportações brasileiras são ainda uma pequena fração do Produto Nacional Bruto, tendo em vista os padrões europeus, e talvez uma fração ainda menor do que a dos Estados Unidos. "Aumentar essas exportações, como fração do PNB, para financiar o pagamento da dívida, não pode ser feito da noite para o dia. Mas pode ser feito em alguns anos", enfatizou. "O problema é chegar até lá, dar ao Brasil tempo de aumentar suas exportações, tanto naturalmente como em resposta à recuperação econômica mundial, e também de realocar os recursos dentro do País."

"PROBLEMA SÉRIO"

Ele declarou-se "francamente nervoso" com as propostas de que o problema da dívida externa dos países em desenvolvimento seja equacionado de outra maneira, como queiram alguns. Essas propostas envolvem, entre outras coisas, a criação de uma nova agência internacional para assumir parte da dívida com os bancos comerciais e forte participação conjunta dos governos dos países industrializados.

"Sejam quais forem as soluções usadas nos próximos anos — disse — acho que uma das coisas importantes que devem ser preservadas é o sistema do mercado privado de capitais para o financiamento internacional. Preocupo-me com o fato de que, se os tipos de intervenção que estão sendo discutidos na imprensa, pelo menos, forem adotados, correremos o risco de eliminar as perspectivas futuras dos mercados de capitais privados."

"Uma vez que o governo entre no negócio — como desejam alguns —, compre ou garanta a dívida existente, acho que enfrentariamos uma situação em que outros emprestadores de capital não teriam permissão para fazer empréstimos privados como fizeram no passado. Os mercados de capitais mundiais e as perspectivas de desenvolvimento seriam enfraquecidos se permitíssemos que isso acontecesse."

Feldstein reconhece que a questão da dívida externa dos países em desenvolvimento "continua sendo um problema sério". Mas declarou-se "muito satisfeito com o progresso realizado neste ano". Disse que sem a notável cooperação entre os bancos comerciais, os bancos centrais e o Fundo Monetário Internacional o problema poderia ter-se tornado muito mais sério.

"Acho que de fato os problemas não foram previstos e talvez tomadores e emprestadores assumiram mais riscos do que deveriam ter assumido." Na sua opinião, levará muitos anos para resolver esses problemas, mas o processo já começou. Ele disse ainda que a recuperação americana está caminhando mais rapidamente do que a de outros países industrializados, mas existem sinais positivos também no Exterior.

Há evidência, afirmou, de que se iniciou a recuperação industrial na Alemanha e, finalmente, na Grã-Bretanha, a qual, em ambos os países, é mais célere do que se imaginava que poderia ser há poucos meses. Acredita também que o Canadá acabará acompanhando o ritmo de expansão dos Estados Unidos. Em todos os casos, a expansão se dará por causa de razões internas e por força do aumento das exportações em função do crescimento dos Estados Unidos.

Feldstein confirmou as novas projeções do governo Reagan, segundo as quais o PNB dos Estados Unidos crescerá 4,7% este ano, com taxa de inflação, medida pelo deflator do PNB, de aproximadamente 4,5%.